

A Produção de Novas Teorias: Crítica (In)voluntária mas indispensável à servidão voluntária do pensamento comunicacional da América Latina e de sua trajetória Histórico-Cultural¹

Osvando J. de Moraes-Professor UNESP²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer um levantamento das pesquisas sobre comunicação na América Latina realizadas e publicadas por autores de reconhecida importância como, por exemplo, Jesús Martín-Barbero, Néstor García Canclini com o propósito de recensar as ideias e teorias destes pensadores sobre a Comunicação, suas posições, críticas, políticas, ideológicas e reverberações. O nosso propósito, nos contextos territorial, cultural e comunicacional da América Latina, é o de discutir aspectos importantes relacionados à história da contínua colonização do continente, os mascaramentos ideológicos e teóricos como sujeição às políticas das potências colonizadoras, principalmente os EUA, deixando explícita pouca resistência e muita servidão voluntária. Incluímos nesta pesquisa as ideias de Octavio Paz, Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes que fundamentam e indicam caminhos metodológicos para se pensar a Comunicação na América Latina, levando em conta as estratégias das potências hegemônicas para disseminar e transmitir ideias, valores, hábitos e modos que traduzem mudanças na cultura popular e na massiva com um fetichismo digno do “realismo fantástico”, presente nas obras de ficção destes mesmos autores. Esta pesquisa se insere em desdobramentos mais amplos que possibilitam repensar a crise teórica constatada na ausência de novas teorias e nas dificuldades de se construir modelos que possam justificar a Comunicação hoje com contínuas e aceleradas mudanças, verificadas nos modos de comunicar.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Teorias da Comunicação. História da América Latina. Ideologias.

DIREÇÕES E CONTEXTO

Este texto nasceu de uma pesquisa sobre autores e pensadores que se dedicaram ou se dedicam às investigações e ao ensino da Comunicação na América Latina. Das leituras críticas, muitas vezes conturbadas, nasceram também as preocupações não somente com o pensamento daqueles que produzem teorias em nosso contexto, mas também com o uso e aceitação que se fazem das teorias – em sua maioria importadas e sequer ajustadas, deglutidas ou adaptadas a nossa realidade cultural, histórica, social ou política –, nossas preocupações recaem ainda sobre os modos específicos, os usos superficiais das ideias, que podem ser percebidas sem grandes esforços, as intenções, a profusão de imposições, a falta de provocações, inquietações ou questionamentos.

¹ Trabalho apresentado no GP Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais na América Latina, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA-USP).

A visível influência de Gabriel García Márquez - Cem Anos de Solidão -, de Carlos Fuentes e Octavio Paz, define antecipadamente nossas posições, pois os textos destes autores explicitam preocupações com a história e com as culturas milenares da América Latina, principalmente, com as práticas contemporâneas aplicadas à instantaneidade da comunicação e da informação, verificadas no vocabulário visual, nas mudanças do imaginário e na assimilação simultânea de outras culturas por imposição das hegemonias, principalmente, da norte-americana em todos os países do continente.

Centramos nossas discussões às questões diretamente relacionadas à comunicação, presentes nos textos cartográficos de Jesús Martín-Barbero, nos levantamentos das transformações provocadas pelas misturas culturais de Néstor García Canclini, nas trocas culturais do México com os EUA, minuciosamente relatadas por Carlos Fuentes, nas críticas ensaísticas e resgate histórico de Octavio Paz, e no mapeamento das dimensões humanas, culturais e também históricas de Gabriel García Márquez.

A multiplicidade de temas como autodeterminação, pluralismos e diversidade cultural, na América Latina, já foram pesquisados e analisados em exaustão com muita frequência, por diversos pensadores e as ênfases recaem, na maioria das vezes, às ideias e experiências paradoxais impostas pela dinâmica econômica e cultural com todas as irracionalidades que lhes convém. Os problemas que envolvem as diversidades e demandas étnicas comuns a vários países latino-americanos. É neste sentido que Fuentes defende o Federalismo como solução para os problemas nacionais, culturais e econômicos na América Latina como um todo, porque somos uma mistura de raças, de gostos, de costumes, de crenças, de sotaques e de lembranças. Octavio Paz, por sua vez, preocupa-se com as mudanças do imaginário construído e que se repete em quase todos os países e como este mesmo imaginário, carregado de influências, é assimilado pelo “outro”. O reconhecimento da existência da alteridade tem peso ideológico e pode ser discutido como proposta de comunicação, contida nos trabalhos desses autores que têm a percepção dos meios de comunicação de massa, traduzindo a sensação de presença o todo o tempo, mas que leva ao nada, ao tempo nenhum.

Gabriel García Márquez, embaixador político de muitos dos países latinos, projeção conseguida graças às suas opções políticas explicitadas em seus livros, ao fazer mediações entre os poderes e discutir questões fundamentais e essenciais para a América Latina. Sua base de ação sempre foi o México e por isso mesmo, há muitas referências importantes e semelhantes deste país com os outros do continente para se discutir as realidades latino-

americanas. Poucos países como o México enfrentaram e enfrentam realidades diferentes e em diversos sentidos, piores, pois irá muito além da pecha histórica de “republiqueta banana” e de “quintal” imortalizada pelo cineasta Woody Allen, quando todas as ações dos EUA são justificadas em nome de interesses e segurança próprios.

DELIMITAÇÃO: IDEIAS INICIAIS PARA UMA PROPOSTA TEÓRICA

Néstor García Canclini e Jesús Martín-Barbero são nossas eternas referências por repetição, quando se pesquisa a América Latina, mas isto não significa que suas análises e leituras sejam definitivas e suficientes. Por isso, neste trabalho, o nosso propósito é ampliar e discutir a comunicação de maneira multidisciplinar, buscando os autores Octavio Paz, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez, não somente como partícipes e literatos, mas pensadores da cultura e da comunicação. E o mais importante: não desvinculam as questões comunicacionais das políticas e culturais.

É neste sentido que reafirmamos sempre: não se pode discutir a comunicação, em nosso continente, desvinculada das culturas que são fruto de misturas das raças, das nossas relações históricas com os primeiros colonizadores – Espanha e Portugal – saltando da presença europeia nos primeiros séculos de colonização aos efeitos da Guerra Fria com a implantação das ditaduras treinadas e apoiadas pelos EUA em toda a América Latina com exceção de Cuba, único país que não teria se curvado a mesma imposição. Sem esse conhecimento histórico seria impossível discutir e pensar a Comunicação nos países latinos que é fruto histórico desse processo colonizador. Ela foi sistemicamente implantada com orientação norte-americana, surgindo desse processo os conglomerados comunicacionais e juntamente com eles políticas que direcionaram os países aos interesses específicos comerciais, econômicos e culturais dos EUA.

Por isso mesmo, seria infrutífero discutir a comunicação, sem levar em conta essa relação de domínio. Muitas perguntas existentes, porém mantidas em estado de latência, ainda não se ousou fazer. Em sua maioria, questões de conhecimento geral, mas não enunciadas igualmente. No entanto, antes analisar e reavaliar as relações de poder em referência às nossas produções culturais, deve-se pensar na dependência direta que os produtos culturais passaram a ter dos meios de comunicação de massa.

Poucos exemplos dessa mesma produção fugiram ao controle por um período curtíssimo de tempo, pois, a Indústria Cultural se apodera daquilo que está em evidência e sua voracidade é incontrolável. Por isso os chamados booms: o da literatura latino-

americana com o Realismo Mágico, o das telenovelas brasileiras com uma suposta revolução nas linguagens, que a construção de um amplo espaço mercadológico, a TV e a academia ocupam lugares especiais. A TV por garantir uma divulgação eficaz e a academia por traduzir as ações dos meios massivos em verdade científica e conseqüentemente garantir respeito. Qual o papel da América Latina neste cenário? Sobraram alguns pontos de resistência, mas acima de tudo, o papel de consumidora, em um sentido amplo: consumidores de bens de consumo – duráveis ou não; consumidores de bens simbólicos e juntamente com esses dois as ideologias altamente fomentadoras, diluindo ou “desmanchando no ar” uma cultura fragilizada por conta de uma educação fragmentada, que reproduz efeitos de problemas econômicos sérios, porém, muito distantes ao menos de uma branda aceitação da má distribuição de renda, isto é, sem distribuição alguma, aproveitando-se de uma frágil tradição com raízes nas relações senhoriais e vassalagem e, portanto, pouco resistente, aos ataques atraentes de um projeto mercantil predador.

Néstor García Canclini (1991) pesquisou os anos 1990 do século passado sobre o consumo. No entanto, mesmo oferecendo dados bem fundamentados às Teorias da Recepção, esqueceu-se de que o consumo em nosso continente “não faz pensar” e que é preciso sim estudá-lo do ponto de vista sociológico e antropológico para ver com mais luz o jogo de poder e a construção ideológica de comportamentos.

A pesquisa de Canclini traz dados muito interessantes e, ao mesmo tempo, perguntas ingênuas, tentando encontrar respostas para uma construção cultural midiática que leva pessoas a consumir, mesmo sem ter casa própria ou o mínimo para garantir ou propiciar uma alimentação também mínima – o mais basilar das necessidades humanas. Justamente para explicar ou justificar que a grande massa, quando chega as festas de fim de ano, se endivida para dar presentes, esquecendo-se do dia-a-dia e da sobrevivência é tarefa simples, mas não pode ser simplista a argumentação que a favorece. Basta olhar com alguma atenção ao apelo das propagandas televisivas que utilizam um glamour irresistível. Justificar o comportamento dos consumidores através dos processos de comunicação e recepção também é simplista. Para a América Latina, sobrou o consumo e com ele a tradução visual da suprema felicidade, estrategicamente pensada pelas agências de publicidade e propaganda que também em sua maioria defendem forasteiros interesses.

A grande pergunta de Canclini está centrada em indagar como entrar na modernidade sem estar nela, ou melhor, vive-se em vários momentos históricos ao mesmo

tempo: somos cidadãos do século XIX e habitamos por acaso o momento contemporâneo cheio de dilemas políticos, culturais e econômicos.

Pode-se aprofundar mais ainda as questões levantadas e avaliar melhor a formação de um público consumidor e verificar se seria possível, ainda possível, neste mesmo contexto, fazer uso político e cultural do imenso patrimônio histórico do continente? Esta questão revela de fato o papel dos latinos visto estar relacionada a heterogeneidade cultural e o por quê e para que tantos jovens ingressam ou são incentivados a ingressar em cursos humanísticos.

Podemos pensar em algumas possibilidades de respostas que podem estar na própria realidade apontada por García Márquez quando afirma que “a nossa condição de joguetes de um fado indecifrável, cuja única e desolada recompensa costuma ser, na maioria das vezes, a incompreensão e o esquecimento” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2010, p.12).

Jogete e isolamento. É neste sentido que o tema da solidão também se faz presente nos textos de Octavio Paz, pois diante do abandono à própria sorte, deveria ter sobrado pelo menos uma segunda chance. Talvez uma saída “mágica” vinda das alturas de Macchu Picchu.

Queremos dizer com isso que ao relegar à última instância uma análise aprofundada de nossas carências e fragilidades que têm como base as nossas raízes, estamos cometendo um suicídio em vários sentidos, inclusive acadêmico, provocando um esquecimento de nossas identidades. Somos submetidos às artimanhas do capital e às suas eficazes técnicas de administração.

É dramático quando se discute a instabilidade aplicada tanto à racionalidade como aos códigos e aos relatos. Do mesmo modo, perceberam-se as mesmas estratégias ideológicas quando se fala no fim da história, da nacionalidade, das culturas e das classes. A ideia que parece permear o discurso seria tornar as pessoas estranhas: estranhas aonde moram e trabalham, e completamente alheias em sua essência social e também aos outros homens. Mais estranhas ainda em relação aos seus países. Não existe país e o sentido de nação está vazio de sentimentos.

Ironicamente, na realidade, esses sentimentos fazem parte da cultura, pois as fronteiras dos países colonizadores estão muito bem guardadas, Estes países administram e concentram com mãos de ferro um imenso poder chamado mercado, mas praticam nos seus quintais, essas mesmas ideias com a máscara do Global e uma força de verdade insuspeita.

Por isso, a retórica ideológica da não ideologia que conceitua o fim de qualquer coisa: do homem, das classes, das nações para imperar o homem ‘mcluhaniano’ sem cultura, sem nada, simbolicamente, prostrado diante de uma tela com imagem.

Queremos reafirmar que as pesquisas ‘canclinianas’ foram e continuam importantes, pois, abrem caminho para uma dimensão histórica e cultural da América Latina que ainda deverá fazer parte das análises das mutações em andamento provocadas pelos meios massivos e pelas tecnologias. Como diz Canclini, a “televisão manipula o México” (2005), poderíamos aplicar essa mesma afirmação, sem medo de errar, a todos os países do continente.

Sob a aparência do transnacional, do global, do pós-nacional, de negação da identidade, esconde-se um poder neoconservador. Por isso, nunca é demais reafirmar que se esse poder está nos meios massivos é que representam outros ainda maiores. E impossível ignorá-los e mais ainda, aceitar as Teorias pensadas a partir da realidade de cada um desses países que as exportam.

Por isso, Jesús Martin-Barbero chama atenção para as modas teóricas, embora, sua posição política ainda esteja muito carregada de uma visão colonialista que tenta a qualquer custo despolitizar um campo como o da Comunicação que sempre esteve atrelado às questões políticas e consequentemente do poder.

No entanto, quando Martin-Barbero analisa o século XX e as ideologias dominantes, não deixa de perceber a saída da comunicação na cultura, obrigatoriamente, como rito de passagem para o século atual com suas transformações tecnológicas, implicando transformações também nas culturas. Da mesma forma que houve uma dominação das ideologias no século passado, alerta que se está a correr o seguinte risco: sair da Cultura e cair no culturalismo (1991, p. 7).

Na verdade, a academia tenta o tempo todo entender e aceitar um projeto de poder para a América Latina, buscando ora uma teoria para justificar as transformações sociais, ora incriminar as ideologias. E para fugir às questões ideológicas, inventa-se o fim de tudo, a começar pelo nacional que se transforma em pós-nacional ou transnacional. Podemos oportunamente lembrar a frase machadiana usada por Roberto Schwarz como título de seu livro: “Ao Vencedor, as batatas.”. Só que o vencedor agora não se contenta só com as batatas, ele quer muito mais que isso. Eles sabem que estão lidando com uma banana republics após o fim das URSS, diante da impossibilidade de qualquer país latino se transformar em balalaica republics, e por isso reinam em berço esplêndido.

Entender as comunicações exige estratégias teóricas que percebam como se jogam o jogo do poder e o dos políticos, o jogo dos dominadores e dos dominados. Repetem e usam na íntegra, teórica e praticamente, tudo que vem pronto para o consumo. Do Jornalismo à Interatividade dirigida, instantânea que transmite uma inclusão e participação libertadora do telespectador do Big Brother. Seria ironicamente revelador se alguém afirmasse ser justo desse modo que a televisão faz pensar.

O labirinto da solidão, de Octavio Paz, conta poeticamente a história do México. Nele, há muito que se relacionar com a história de todo o continente. Basta somente comparar os mapas das fronteiras mexicanas de antes com as de hoje.

Por exemplo, o grande mito da história mexicana, Montezuma cede à invasão espanhola, pois, sente uma atração incontrolável (PAZ, p. 87), uma fascinação carregada de mensagens sagradas, interpretadas como um ciclo que se fecha e dá início a outro que começa.

Deste mesmo modo, parece que toda a América Latina está condenada a sentir esta mesma estranha atração. Estaremos fadados a repetir as tentações de Montezuma? Por que a sedução irracional e injustificável pelo estrangeiro como se fosse uma trama sagrada ainda persiste em toda a América Latina?

Por exemplo, pode-se pensar nas Teorias da Comunicação e suas aplicações, como conquistas sem resistências, como um querer ser o outro, mesmo que isso signifique suicídio, aproveitando o clássico exemplo de Montezuma. Impossível e desnecessário analisar as culturas do continente latino-americano inteiro para se chegar a essa mesma conclusão. No entanto, preferimos pensar a nossa realidade não só a partir das ideias de Octavio Paz mas também das colocações de Carlos Fuentes que relata minuciosamente as relações do México com os EUA, as imposições culturais dos meios de comunicação de massa, principalmente o Cinema (Fuentes, 1989) instaurando uma verdadeira revolução.

Fuentes é um escritor híbrido, bipartido, dividido em dois: metade mexicana e metade estadunidense – duplamente americano. Sua cultura obedece a esses mesmos parâmetros e a ética protestante o coloca em contradição. Difícil superar, neste contexto particularmente rico dos anos 1950 aos 1960 em diante, a efervescência dos efeitos da Guerra Fria. Luís Buñuel e autores como Gabriel García Márquez foram figuras presentes, em território mexicano, nesta mesma época. Portanto estamos lidando com realidades culturais que extrapolam as fronteiras deste país.

Como relata Fuentes, no México, do mesmo modo que se lia a literatura francesa, lia-se a russa. Vivia-se entre Diderot e Gogol, e convivia-se com Gabriel García Márquez, Borges e com o cinema hollywoodiano. O próprio Fuentes se classifica como um misto da cultura daquele contexto: “Somos o que comemos. Também somos as histórias em quadrinhos que consumimos na infância”. (Fuentes, 1989, p. 12).

Não é difícil imaginar a força e poder desses meios massivos de comunicação, principalmente no público infanto-juvenil. A formação cultural de Fuentes como um ser híbrido, resultante dessas forças pode ser facilmente depreendida em seus textos. Nele, habitam duas culturas: uma estadunidense, pragmática com vocação econômica protestante, e outra mexicana carregada de mitos mexicanos como Zapata e Miguel Hidalgo que teve a cabeça decepada.

Sua “Aula Inaugural em Harvard” está cheia de referências importantes que mostram essa dissociação. Ele faz um retrospecto das atrocidades norte-americanas em seu país, mas ao mesmo tempo quer comprovar uma amizade que se supõe existir.

Mas nós, amigos verdadeiros de sua grande nação na América Latina, nós, os admiradores de suas conquistas extraordinárias nos campos da literatura, da ciência e das artes, bem como de suas instituições democráticas, de seu Congresso e de seus tribunais, de suas universidades e editoras, e sua imprensa livre – nós, seus verdadeiros amigos, porque somos seus amigos, não permitiremos que vocês se comportem nos negócios latino-americanos como a União Soviética se comporta nos negócios da Europa Oriental e da Ásia Central. (FUENTES, 1988, p.243).

Difícil ler um trecho como este, sabendo da história do México e das relações dos EUA com a América Latina. Ironia? Deboche? Ou ele realmente acreditava em tudo que disse? Como leitores somos tentados a perceber ressonâncias shakespearianas do elegíaco discurso fúnebre de Marco Antônio em “Júlio César”. Mas de fato olhar para longe é muito mais fácil que para perto. Esqueceu-se de que as práticas dos dois grandes donos do mundo são as mesmas e que o mexicano será sempre um animal enjaulado. Não existe reconciliação, apenas imposição. A história não permite, mesmo aceitando o esquecimento como um fato. Não adianta pedir que os EUA sejam humanos, responsáveis e inteligentes. Independente das nuances do que foi dito. Há também um mapeamento dos problemas sociais e políticos feitos nesta mesma aula. São esses mesmos elementos que devem fazer parte de estudos que embasem a comunicação como prática social e como troca de experiências em comunidades.

É neste universo povoado pelos cidadãos Kane, Dick Tracy, Tess Trueheart, Clark Kent e Lois Lane, que se configura a cultura do México e de toda a América Latina. Portanto, discutir a comunicação sem se levar em conta essas dimensões culturais, seja no campo político, seja no comunicacional, seria infrutífero.

No entanto, as Teorias da Comunicação, com raríssimas exceções, são aceitas e praticadas sem ao menos adaptá-las às devidas diferenças de práticas e vivências culturais dos meios massivos. Cada país deveria ao menos cuidar em não permitir que sejam extrapolados os seus limites por aqueles que os modelos importados impõem. A comunicação não deveria prescindir de estar atenta às experiências acumuladas ao longo de séculos. Estudá-la e praticá-la sem os enlaces com a cultura não seria fazer o pacto de morte de Montezuma?

Gabriel García Márquez não pode ser esquecido pelos estudos comunicacionais e mais ainda, aprisioná-lo à literatura seria esquecer os elementos históricos e contextuais do século XX dos quais ele participou ativamente não somente como literato, mas como homem político. Sua consciência política e importância de suas ações se devem às suas denúncias e luta contra as ditaduras financiadas pelos EUA em quase todo o continente. E coincidentemente, após a década de 1960, houve o boom da comunicação e da Literatura Latina. Por isso mesmo, não se pode separar os projetos políticos e culturais da comunicação porque são projetos de poder e de construção de mercados, planejados conjuntamente.

O discurso de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, escrito em poucas páginas, deveria ser texto obrigatório àqueles que estudam a América Latina. Não importa a especificidade dos estudos. Seja televisão digital ou analógica, Jornalismo, Publicidade ou Cultura. Trata-se de um resgate histórico das atrocidades cometidas pelo colonizador espanhol, dos enganos da independência até o domínio norte-americano, no século XX, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial em que o mundo ficou dividido em dois grandes donos.

Por isso, quando se retoma, mesmo de maneira panorâmica, os relatos históricos torna-se difícil não indagar: Seria possível propor Novas Teorias da Comunicação para a América Latina sem se fazer estudos realmente aprofundados históricos, antropológicos, sociológicos e culturais e sem analisar as diferenças e semelhanças entre os países? “A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez menos livres, cada vez menos solitários”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2010, p. 10).

Não é por acaso que o tema da solidão deveria fazer parte dos estudos latinos. É o abandono político provocado pela desunião e falta de consciência política. Feito de uma educação midiática, escolar, formal e informal voltadas sempre aos interesses alheios. É a recusa do espelho. É usar os modos de ser do outro e também o outro como espelho. Nada escapa: impõe-se desde a língua aos pequenos hábitos e práticas alimentares. É o Transnacional, o Pós-Nacional e o Global que funcionam nos países consumidores. No entanto, contraditoriamente, as fronteiras geográficas, culturais e, principalmente da semiosfera destes mesmos países que inventam teorias para justificar o global livre em todos os sentidos, estão muito bem guardadas e protegidas. O comércio igualmente seguro por pesados subsídios. Os arquivos digitais construídos a partir das redes sociais, comprovam o amplo domínio das Américas.

ULTIMAÇÕES: IDEIAS EM MOVIMENTO

Podemos pensar em duas hipóteses para se entender a América Latina. A primeira: se seria possível a partir de uma análise histórica e cultural, propor uma teoria que justificasse as transformações culturais e os processos intermediados e mediados.

A segunda: se seria possível a partir das imposições culturais, verificadas nos processos de colonização contínuo, pensar uma teoria ou que pudesse ser chamada de teoria que justificasse as transformações forçadas pelas tecnologias, manipuladas pelos meios massivos e mascaradas como verdades pelas instituições.

É neste sentido que retomamos as ideias de García Márquez quando mostra o tamanho da América e a imensidão de seus problemas. As contradições são muitas e diante das dificuldades de cada um dos países do continente, inventa-se uma América. Na impossibilidade de se contar o Real, inventa-se outro, o Fantástico, por ser uma saída possível, não a única como em Cem Anos de Solidão, que para compensação da perda de memória, colocaram-se placas nominando cada coisa. No entanto, para lutar contra o esquecimento, existe a própria realidade que está presente em todas as coisas. Mesmo assim, a saída está no próprio homem que dialoga, faz trocas e deixa marcas, registros e ideias.

É neste universo latino, misto de abstrações históricas, realidades mágicas, pois, a realidade é feia e insuportável, que se encontra a Literatura que também foi reinventada não somente para contar histórias, mas para lembrar o que somos e de maneira não muito precisa, mostrar o que podemos ser ou o que não queremos ser. Propõe-se pensar os modos

de transgressão, como engajamento contra os modelos estabelecidos porque pressupõem o comum, o igual que repete sempre. Necessita-se inevitavelmente de rupturas.

Para isso, pode-se retomar pelo menos um dos sentidos possíveis do conceito de teoria, Theos, como abordagem abstrata que pressupõe um número variado de participantes com instrumentos também variados que se completam, instigam e são instigados.

Entre os muitos instrumentos destacados por García Márquez está a própria reinvenção da América Latina através da cultura, não simplesmente da cultura no sentido específico, mas daquela cultura que reúne sonhos, hábitos, leis, fatos, mitos, lendas e evocações de maneira geral, que possibilitam tal recriação.

Por isso mesmo é que lembramos não se separar cultura da história ‘verdadeira’ e menos ainda da história ‘fictícia’ costumeiramente tornada “oficial”. Estão misturadas, se completam e nos documentos oficiais não estão incluídos os sonhos, os desejos e as fantasias que são parte essencial da cultura.

A realidade da cultura na América Latina está ainda dividida entre o mundo letrado e o ágrafo, oral. Entender para justificar seria a grande força do culto exigido aos participantes de qualquer teoria, nova, velha ou recriada.

Ironicamente, lembra Fuentes, a América é muito grande. Ela é surreal, pois contém todas as realidades. A realidade das redes de comunicação, das parabólicas, mas também a realidade daqueles que não participam da história, dos que estão fora das redes, dos que simplesmente não sabem o que é uma antena parabólica ou, mais ainda, dos que não conhecem nem mesmo a luz elétrica.

Há ainda aqueles que vivem em lugares que não existem por serem locais que não constam de nenhum mapa. Vivem fora do mundo, sem lugar ou fora dos lugares, em vários sentidos. Falam e vivem outra língua, outra cultura. Participam de um mundo esquecido. Seres sem lugar, com ideias fora de lugar e de qualquer contexto.

Por isso mesmo, a América é um Continente e nele tudo cabe: o Topos e o U-Topos. E para pensar as realidades que se inter cruzam, como as linhas das redes invisíveis da comunicação na semiosfera, necessitam-se conhecê-las para depois as decompor e recompor, fazendo aparecer o objeto, simulacro que tornou visível o invisível. Isto seria teorizar?

Este poderia ser o caminho para se pensar a América Latina, porém, sem esquecer-se jamais de suas extremas contradições.

REFERÊNCIAS

- CAUQUELIN, Anne. Teorias da Arte. São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- FUENTES, Carlos. Eu e os Outros: ensaios escolhidos. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel e FUENTES, Carlos. “Cien años de soledad” y un homenaje. Discursos de Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes. México: FCE, 2007.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Cem Anos de Solidão. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. Consumidores e Cidadãos. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor; Et al. Mapas Nocturnos: Diálogo con la obra de Jesús Martín-Barbero. Santa Fé de Bogotá, Siglo del Hombre Editores, Universidad Central, Departamento de Investigadores, 1998.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Las Culturas Populares en el Capitalismo. México, Nueva Imagen, 1982.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas Híbridas. México, Grijalbo, 1990.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Oficio de Cartógrafo: Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. México: FCE, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Lo popular e lo massivo”. En Cuadernos de Comunicación nº 62, México, 1979.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. “De la ciudad mediada a la ciudad virtual.” En: TELLOS nº 44, Madrid, 1996.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Reconfiguraciones Comunicativas de lo público”. En: Anàlisi, 26, Barcelona, 2001.
- PAZ, Octavio. O labirinto da Solidão. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.